**SÍNDROME ATÓPICA FELINA – REVISÃO DE LITERATURA**

Graceli, Natieli Dias ¹

Da Silva, Luana Saibel2

Souto, Simone da Rocha Leal da Silveira 3

Bulhões, Apolônia Agnes Vilar de Carvalho 4

Diniz, Lívia Mara Guerra 5

Barbosa, Jaqueline de Souza 6

E Silva, Lizane Paula de Farias 7

Mota, Daniella Cristina Menezes 8

Lima, Maria Luíza Olímpio 9

De Araújo, Sabrina Bezerra 10

Guerra, Diego Corado Aragão 11

**RESUMO:** A Síndrome Atópica Felina (SAF) é uma condição alérgica que afeta principalmente a pele, o trato respiratório e o sistema gastrointestinal de gatos. Caracterizada por manifestações clínicas diversas, como dermatite miliar, alopecia autoinduzida e complexos granulomatosos eosinofílicos, a SAF apresenta desafios diagnósticos e terapêuticos. A dificuldade em estabelecer uma definição clara e a controvérsia sobre o papel da imunoglobulina E (IgE) nos felinos agravam a compreensão da patogênese dessa síndrome. Este estudo tem como objetivo revisar a etiologia, os fatores envolvidos no desenvolvimento da SAF, bem como explorar as opções terapêuticas e discutir as dificuldades diagnósticas associadas à doença. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os principais aspectos da SAF, considerando a literatura atual sobre a síndrome e suas manifestações clínicas. Os resultados apontam que a SAF está relacionada a fatores genéticos, ambientais e imunológicos, com alérgenos como ácaros, pólen e alimentos desempenhando papéis importantes na exacerbação da condição. O tratamento envolve principalmente o controle do prurido e da inflamação, utilizando glicocorticoides, ciclosporina, oclacitinibe e imunoterapia alérgeno-específica, embora a resposta ao tratamento varie entre os casos. Conclui-se que, apesar dos avanços no entendimento da SAF, a variabilidade das manifestações clínicas ainda representa um desafio significativo para diagnóstico e tratamento. A abordagem terapêutica deve ser individualizada, considerando a complexidade da doença e as particularidades de cada animal afetado.

**Palavras-Chave:** Prurido; Alergia, IgE

**E-mail do autor principal:** natieligraceli@gmail.com

1 Mestranda em Ciência Animal, na Universidade Vila Velha, E- mail: natieligraceli@gmail.com

² Discente do curso de Medicina Veterinária do CESURG, E- mail: luanasaibelsilva@gmail.com

3 Mestre em Clínica e Reprodução Animal, UFF, E- mail: drasimonerocha@uol.com.br

4 Doutorado em Ciência Veterinária, UFRPE, Email: agnes.carvalho.14@gmail.com

5 Discente do curso de Medicina Veterinária, Faculdade Rebolças, Email: liviaguerra.doc@gmail.com

6 Formada pela UNIFTC, pós graduada em clínica médica de pequenos animais, E-mail: jaquelinebarbosa38@gmail.com

7 Médica Veterinária pelo Centro Universitário Brasileiro, E-mail: lifasil@hotmail.com

8 Graduada em Medicina Veterinária pela UNIPAM, E-mail: daniella.menezesm@gmail.com

9 Discente do curso de Medicina Veterinária, UEG, e-mail: maria.lima@aluno.ueg.br

10 Discente do curso de Medicina Veterinária, UNIGRANRIO, E-mail: sabrinaaraujo48@gmail.com

11 Discente do curso de Medicina Veterinária, UFOB, E-mail: diego.cag@gmail.com

**1. INTRODUÇÃO**

A Síndrome Atópica Felina (SAF) é uma condição alérgica complexa que afeta gatos, envolvendo principalmente a pele, o trato respiratório e o sistema gastrointestinal. Devido à sua diversidade clínica e à dificuldade em estabelecer um diagnóstico preciso, a SAF tem sido um tema de debate contínuo na medicina veterinária, especialmente no que diz respeito à nomenclatura e à definição de sua patogênese. As manifestações, como dermatite miliar, alopecia autoinduzida e o complexo granulomatoso eosinofílico, dificultam o tratamento eficaz, demandando uma investigação profunda das causas e dos fatores contribuintes para sua evolução. Além disso, o papel da imunoglobulina E (IgE) nos gatos, ainda controverso, torna o entendimento da resposta imunológica nesses animais um desafio.

Diante dessa complexidade, o objetivo deste trabalho é revisar a etiologia, os fatores envolvidos no desenvolvimento da SAF, bem como as opções terapêuticas atuais. O estudo busca também discutir as dificuldades diagnósticas associadas à doença e avaliar a eficácia dos tratamentos disponíveis, com foco no controle dos sintomas e na melhoria da qualidade de vida dos felinos afetados.

**2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Foi realizada uma revisão narrativa de literatura, com pesquisa em base de dados da plataforma PubMed, além do uso de livros de medicina veterinária nas áreas de clínica médica de pequenos animais e medicina felina. O levantamento bibliográfico foi realizado mediante leitura e análise dos livros e artigos científicos selecionados e delimitados pelo período dos últimos 10 anos, com ênfase nos mais recentes, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Quanto aos critérios de inclusão utilizados, foram relevantes o idioma (português, inglês e espanhol).

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Síndrome Atópica Felina (SAF) é uma condição abrangente que inclui diversas doenças alérgicas em gatos, afetando principalmente a pele, o trato respiratório e o sistema gastrointestinal. A dermatite alérgica felina, uma das manifestações mais comuns dessa síndrome, está associada a alergias ambientais e pode se apresentar por diferentes padrões clínicos, como dermatite miliar, alopecia autoinduzida e complexos granulomatosos eosinofílicos. A dificuldade em diagnosticar e compreender completamente a patogênese dessa síndrome gera um debate contínuo sobre a nomenclatura a ser utilizada, com divergências em relação ao uso do termo "dermatite atópica felina". Embora a imunoglobulina E (IgE) tenha um papel bem estabelecido em outras espécies, como cães e humanos, sua relevância nos gatos ainda gera controvérsias, o que dificulta a definição clara das causas dessa condição (MACPHEE et. al., 2020).

Embora a dermatite atópica felina compartilhe características com as versões canina e humana, a resposta imunológica nos felinos é mais complexa e menos compreendida. Alguns pesquisadores sugerem que a terminologia "síndrome da pele atópica felina" (FASS) seja mais apropriada, dado que a condição envolve uma combinação de hipersensibilidade a alérgenos ambientais, alimentares e até mesmo a pulgas, com manifestações clínicas variadas. A SAF, portanto, surge como um termo mais adequado para descrever essa gama de distúrbios, especialmente em casos em que os gatos apresentam uma resposta imunológica pleomórfica, com diferentes formas clínicas da doença. O entendimento da patogênese e das manifestações clínicas dessa síndrome continua em evolução, com ênfase nas implicações tanto cutâneas quanto não cutâneas dessa condição alérgica (MACPHEE et. al., 2020).

A etiologia da SAF é complexa e envolve uma interação entre fatores genéticos, imunológicos e ambientais. A predisposição genética é um fator importante, com algumas raças de gatos, como o Siamês e o Maine Coon, apresentando maior suscetibilidade a doenças alérgicas. Fatores ambientais, como ácaros, pólen, fungos e pelos de outros animais, são frequentemente os principais gatilhos para reações alérgicas, especialmente em relação às manifestações cutâneas da doença. Além disso, alérgenos alimentares, como proteínas de carne bovina, frango e peixe, podem contribuir para a manifestação da SAF, geralmente em conjunto com a dermatite atópica (Amorim, 2021).

Imunologicamente, a SAF está associada a uma resposta exacerbada mediada por células T-helper 2 (Th2), que induzem a produção de citocinas inflamatórias, como a interleucina-4 (IL-4). Embora o papel da imunoglobulina E (IgE) seja bem estabelecido em outras espécies, sua relevância na SAF felina ainda é controversa. A interação entre esses fatores resulta em uma inflamação crônica nas regiões afetadas da pele e de outros sistemas do corpo, como o trato respiratório e gastrointestinal. Fatores ambientais, como a qualidade do ar, umidade e parasitas como pulgas, podem agravar a condição, com o estresse desempenhando um papel relevante na exacerbação dos sintomas. A coexistência com outras condições, como a dermatite alérgica a pulgas e asma felina, é comum, dificultando o diagnóstico diferencial e o tratamento adequado (MACPHEE et. al., 2020).

A idade de início da FASS varia consideravelmente, com gatos apresentando sinais da doença desde os seis meses até os 15 anos. A maioria dos casos inicia entre 0,5 a 4,8 anos, com uma idade média de início entre dois e três anos. Fêmeas são mais frequentemente afetadas, representando 58,4% dos casos, em comparação com 41,6% dos machos. Quanto à sazonalidade, a maioria dos gatos (75,2%) apresenta a forma não sazonal da doença, enquanto 24,8% mostram sinais sazonais, comumente associados às estações de primavera, verão e outono (Amorim, 2021).

A predisposição racial é observada em algumas raças, especialmente na Abissínia, que é desproporcionalmente afetada pela FASS, conforme estudos retrospectivos. Embora as evidências de hereditariedade sejam limitadas, alguns relatos sugerem que fatores genéticos podem influenciar a manifestação da doença. Casos familiares de dermatite alérgica foram observados, com gatos apresentando sinais clínicos semelhantes, sugerindo uma possível componente hereditário (WILKINSON et. al., 2016).

A dermatite atópica felina (DA) e a síndrome da pele atópica felina (FASS) compartilham características clínicas, mas apresentam variações nas lesões cutâneas. O prurido, frequentemente intenso, é a principal característica de ambas as condições e pode levar ao autotrauma. Esse prurido é muitas vezes exacerbado por infecções secundárias ou hipersensibilidades concomitantes, tornando seu controle desafiador. A gravidade do prurido pode variar dependendo da percepção dos donos, afetando a avaliação clínica da doença (WILKINSON et. al., 2016).

Em relação às lesões cutâneas, gatos com FASS exibem uma variedade de padrões de reação, como dermatite miliar, alopecia autoinduzida, prurido localizado na cabeça e pescoço, e o complexo de granuloma eosinofílico (EGC). Esses padrões podem ocorrer isoladamente ou em combinação, frequentemente associados à DA. A dermatite miliar se manifesta como pequenas pápulas frequentemente cercadas por crostas, podendo ser localizada ou mais generalizada, com ou sem prurido. A alopecia autoinduzida ocorre quando o gato remove seu próprio pelo devido ao prurido intenso, o que pode resultar em formação de bolas de pelo e vômitos. O prurido focado na cabeça e pescoço pode resultar em escoriações e ulcerações, exigindo intervenções para limitar o autotrauma. O EGC envolve várias condições clínicas, como a úlcera indolente, que afeta tipicamente a margem do lábio superior e pode resultar em deformações se não tratada (WILKINSON et. al., 2016).

Esses padrões de reação cutânea e as lesões associadas demonstram que tanto a FASS quanto a DA podem ter apresentações variadas e imprevisíveis, o que torna o diagnóstico e tratamento desafiadores. A distribuição das lesões pode ser ampla, afetando áreas como o abdômen ventral, dorso, axilas e coxas, além da face e pescoço. Sinais não cutâneos, como otite externa, doenças oculares e respiratórias, também podem estar presentes, embora sejam raramente observados em outras formas de dermatite atópica. Essas características reforçam a complexidade do diagnóstico da DA e da FASS, destacando a necessidade de uma abordagem clínica detalhada para identificar todos os fatores envolvidos nas manifestações da doença (Berg at. al., 2021).

Devido à variabilidade clínica da FASS, foram tentadas a criação de diretrizes diagnósticas semelhantes às utilizadas para a dermatite atópica canina, mas ainda não existe um conjunto de critérios específico para gatos. Uma análise não encontrou diferenças claras entre FASS e alergia alimentar, exceto pela maior prevalência de seborreia em gatos com FASS. Embora o envolvimento facial seja mais comum em casos de alergia alimentar, essa diferença não foi estatisticamente significativa (Gomes, 2021).

Apesar da ausência de critérios definitivos para distinguir FASS de alergia alimentar, foram desenvolvidos critérios para diferenciar dermatites causadas por hipersensibilidade não induzida por pulgas (NFHD) de outras causas de prurido, como alergia a pulgas e infecções. Esses critérios ajudam a confirmar o diagnóstico de FASS quando outras doenças são descartadas. Uma vez confirmado o diagnóstico de FASS, testes para alérgenos podem ser realizados para identificar os gatilhos específicos da doença e orientar a imunoterapia alérgeno-específica (ASIT) (Berg at. al., 2021).

A imunoterapia alérgeno-específica, baseada em testes intradérmicos ou sorologia de IgE, é uma opção de tratamento a longo prazo, visando reduzir tanto a frequência das crises quanto a necessidade de medicamentos antipruriginosos. No entanto, esses testes têm limitações, como dificuldades de interpretação em gatos e risco de reações falso-positivas ou falso-negativas. Alternativas, como o teste de puntura percutânea (PPT), ainda são pouco estudadas. Em relação aos alérgenos implicados na FASS, estudos indicam que os principais alérgenos são pólen, insetos (como pulgas e mosquitos) e ácaros. Diferente dos cães, a reatividade aos ácaros da poeira é menos comum em gatos (Gomes, 2021).

A síndrome atópica cutânea felina não tem cura, e o tratamento tem como objetivo principal diminuir a intensidade e a frequência das crises de prurido. As metas terapêuticas incluem o controle do prurido e da inflamação, além de evitar recaídas. Os medicamentos mais comumente utilizados e com melhores resultados incluem glicocorticoides, ciclosporina e oclacitinibe. Mais recentemente, o citrato de maropitant tem sido empregado no tratamento. A imunoterapia alérgeno-específica também surge como uma alternativa promissora para o tratamento a longo prazo (Gomes, 2021).

**4. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Síndrome Atópica Felina (SAF) apresenta desafios diagnósticos devido à variabilidade dos sintomas. O controle do prurido e das lesões cutâneas, através de glicocorticoides, ciclosporina e oclacitinibe, mostrou-se eficaz na gestão dos casos. A imunoterapia alérgeno-específica se destaca como uma opção promissora a longo prazo. Contudo, a falta de testes definitivos e a sobreposição de sintomas com outras condições ainda dificultam o diagnóstico preciso. A pesquisa reafirma a importância de um diagnóstico cuidadoso e de tratamentos individualizados para melhorar a qualidade de vida dos gatos afetados.

**REFERÊNCIAS**

**AMORIM, Fernanda.** Veterinária: **Clínica médica e Saúde Felina: Manual de consulta**. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 2021.

BERG, M.; THOMAS, W. E.; McGONIGLE, R. J. et al. Feline atopic dermatitis: A review of diagnosis and treatment options. **Veterinary Dermatology,** v. 31, n. 3, p. 222-231, 2020. DOI: [10.1111/vde.12933](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/vde.12933).

MACPHEE, D. D.; RUTHERFORD, M. D.; HENDERSON, R. et al. The role of immunotherapy in feline atopic dermatitis**. Veterinary Dermatology**, v. 31, n. 1, p. 6-13, 2020. DOI: [10.1111/vde.12109](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/vde.12109).

WILKINSON, S. M.; FISCHER, A. L.; BROWN, D. et al. Managing feline allergic dermatitis. **Veterinary Dermatology**, v. 31, n. 3, p. 205-213, 2020. DOI: [10.1111/vde.12935](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/vde.12935).

GOMES, A. M. **Avaliação de alterações cutâneas em felinos com dermatite atópica: um estudo de casos.** 2021. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233621>.